



A IDENTIDADE DO NARRADOR NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UMA CONSTRUÇÃO EM DEBATE

Keutre Gláudia da Conceição Soares Bezerra; Iandra Fernandes Pereira Caldas; Maria Lúcia Pessoa Sampaio

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, kekesoares@yahoo.com.br; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, iandrafernendes@hotmail.com; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, malupsampaio@hotmail.com.

RESUMO: O presente trabalho propõe uma discussão de cunho teórico em torno da construção da identidade do narrador na sociedade contemporânea, tentando fomentar um debate acerca do modo como se concretiza a presença da narrativa no cenário atual a partir da compreensão de quem é o sujeito que realiza tal prática. A discussão tem como embasamento do enfoque trazido por autores como Benjamim (1994), quando expõe uma abordagem sobre a experiência de narrar; Bauman (2005); Hall (2005); Santiago (2002); entre outros que colaboraram na discussão. Aqui, busca-se questionar a respeito de como o narrador nos dias de hoje constrói sua identidade em meio a modernização. Para tanto, o embate tentará perceber as diferenças entre o narrador tradicional, forjado na oralidade e o moderno, construído a partir da cultura impressa.

PALAVRAS-CHAVE: Narrador. Identidade. Contação de história.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é discutir acerca da construção da identidade do narrador na sociedade contemporânea, tentando compreender como, ao longo da história esta identidade foi se modificando a partir das transformações pelas quais a própria sociedade passou. Para tanto, elaboramos uma discussão de cunho teórico, na qual optamos em trazer uma caracterização do narrador tradicional, que narrava a partir da experiência da literatura oral, fazendo um paralelo com o narrador nos dias atuais, cujo conteúdo das narrativas advém da cultura impressa.

Nossa abordagem se volta ainda para a identidade enquanto parte da configuração do sujeito que narra, buscando elementos que se imbricam na construção da arte narrativa na sociedade moderna. Vale salientar que denominamos narrativa, a produção literária, seja na sua forma oral, quando falamos do narrador tradicional, ou na forma escrita, na abordagem do narrador pós-moderno.

Desse modo, procuramos uma abordagem que traz à tona a presença da literatura na sociedade a partir da prática de narrar, a qual consideramos de suma importância para a elaboração da cultura, tanto numa organização social antiga, quanto nos dias atuais, onde a presença da cultura



impresa e tecnológica permite uma maior velocidade na disseminação da literatura, e de outras formas de conhecimento e/ou arte, fazendo com que o narrador necessite de uma nova configuração identitária.

O NARRADOR: ENTRE A TRADIÇÃO E A MODERNIDADE

A figura do narrador se constitui como uma das principais formas de disseminação da arte literária ao longo da história. Saber narrar foi por muito tempo o meio pelo qual as pessoas tinham acesso à literatura. Desde que o homem começou a construir sua cultura, a narrativa surgiu como forma de arte, e acompanhou o sujeito ao longo de sua história e de sua organização social.

Na busca pela compreensão da construção da identidade deste sujeito que narra, faz-se necessário uma abordagem que possa discutir os caminhos que a prática narrativa percorreu ao longo do tempo, para então pensarmos quem é o narrador e como ele vem se construindo e desconstruindo enquanto sujeito de uma cultura, seja tradicional ou contemporânea.

Na prática de narrar tradicional podemos encontrar muitos aspectos ligados à mitologia, pois o narrador da tradição oral é alguém que busca uma inspiração no passado, já que a fonte de sua narrativa está em um tempo que ninguém consegue discernir com clareza, o que nos leva a ver neste aspecto uma referência a *mnemosyne*, deusa grega que personifica a memória. Segundo Eliade, “A deusa da memória tinha o conhecimento do passado, do presente e do futuro. Os poetas inspirados por *mnemosyne* tinham acesso às realidades originais.” (ELIADE, 2004, p. 108)

Dessa forma, a identidade do narrador tradicional estava intimamente vinculada ao aspecto da memória, dado que, para narrar era preciso ter o “dom” da palavra e da memória, o que permite inferir que o narrador, assim como os poetas, é inspirado pelas musas, uma vez que demonstra inspiração para poder conhecer e transformar o narrado em magia e encantamento para o ouvinte.

Encontramos na narrativa tradicional uma relação com o poeta grego, que cantava através da memória, sendo essa a forma pela qual a prática de narrar se perpetuou de geração em geração. Como mostra Benjamim, “[...] a reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração. Ela corresponde à musa épica no sentido mais amplo. [...]” (BENJAMIM, 1993, p. 211) Dessa forma, é a memória que permite ao narrador guardar aquilo que ouviu e que de alguma forma enriqueceu a sua experiência, e ainda segundo o autor, “[...] a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a qual recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos [...]” (BENJAMIM, 1993, p. 198).



A memória se apresenta então divinizada para o narrador, que busca refazer em sua a narrativa de um passado de certa forma mítico, que lhe ajuda a compreender melhor o presente. Essa busca por um tempo além de nossa compreensão está presente na narrativa através do modo como os contadores de histórias iniciam sua narração, ou seja, pela frase “Era uma vez...”, espécie de senha que coloca a história contada como acontecida em um tempo diferente do nosso, que no entanto nos é muito familiar, como se fosse uma lembrança guardada no fundo de nossa alma e que desperta ao entrar em contato com o narrado.

O narrador tradicional, que tramita pela via da oralidade é alguém que, primeiramente, é considerado pela comunidade como possuidor de boa memória, para poder decorar os enredos das histórias, que por vezes são muito longos. Histórias que chegavam até eles através da oralidade, primeiro veículo pelo qual circulavam entre os mais diversos povos as narrativas. É graças à memória e a capacidade de memorização que as narrativas foram sendo transmitidas de geração a geração ao longo da história.

Nessa perspectiva, podemos então considerar que a capacidade de narrar é uma característica marcante do ser humano e a narração de histórias só se tornou possível graças à linguagem, sendo a memória o que estabelece uma relação entre o ouvinte e o narrador. Quem ouve deseja memorizar, como enfatiza Benjamin: “A memória é a mais épica de todas as faculdades”. (BENJAMIM, 1993, p. 210) É a memória que possibilita ao narrador o dom de acumular sabedoria, e o torna uma espécie de guardião do saber milenar de uma tradição. O narrador é então, aquela pessoa capaz de transmitir sabedoria, dar conselhos, imprimir conceitos e valores através da arte de contar histórias. Como aborda o autor:

O narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la *inteira*. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha da sua vida. [...] O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo (BENJAMIM, 1993, p. 221, grifo do autor).

Na mesma obra, o autor levanta alguns questionamentos sobre o fato da arte de contar histórias está decaindo na sociedade moderna, e acredita que “[...] são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente” (BENJAMIM, 1993, p. 197). Esse ponto de vista é



decorrente do fato de nos dias atuais a troca de experiências já não ocorrer de forma artesanal como há anos atrás, como o trabalho manual, onde era possível horas de conversas, conselhos e narrações para passar o tempo tedioso do trabalho.

Hoje, a velocidade da circulação da informação através dos meios de comunicação de massa, coloca a arte de narrar e ouvir em uma perspectiva diferente. As pessoas, ao contrário do que ocorria antes, procuram fugir do tédio, que para Benjamim (1993), “é o ponto mais alto da dimensão psíquica”, onde a história narrada oralmente tinha vez. O autor defende que, “[...] o tédio é o pássaro de sonho que choca os ovos da experiência. O menor sussurro nas folhagens o assusta, seus ninhos, as atividades intimamente associadas ao tédio, já se extinguíram na cidade e estão em vias de extinção no campo. (BENJAMIM, 1993, p. 204)

Partindo desse pressuposto, o autor justifica seu ponto de vista com relação à experiência da narrativa, mostrando que ela está se perdendo, e argumenta que:

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais renovadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual. (BENJAMIN, 1993, p. 205).

Podemos perceber a partir das palavras do autor, que o narrador tradicional, tomava forma nas atividades nas quais a experiência era vivenciada sem pressa, onde o tempo era um aliado para a produção do trabalho. Esse modo de lidar com a experiência do trabalho foi se transformando ao longo do tempo, com o surgimento da indústria, que culminou com uma nova forma de organização social e do modo de trabalho. Na nova forma de organização social, não há mais espaço para o trabalho artesanal e em consequência disso, a forma de narrar também se modificou.

No entanto, a arte de narrar oralmente cedeu lugar a narrativa escrita, como enfoca Benjamim, “[...] o primeiro indício da evolução que vai culminar na morte da narrativa é o surgimento do romance moderno. [...]” (BENJAMIM, 1994, p. 201) Para o autor, o que diferencia o narrador tradicional do romancista é o fato de que, enquanto o narrador retira a essência de sua história da experiência, o romancista é alguém que se isola, sem compartilhar a experiência de vida com o seu semelhante. No romance não há a intenção de dar ou receber conselhos.



Pensando nas mudanças ocorridas com a narrativa ao longo do tempo, é possível pensarmos o aspecto que permanece em comum entre as formas de narrar, ou seja, o caráter literário que ambas apresentam. Seja através do narrador da tradição oral, ou do romancista moderno, o que permanece na arte literária é a capacidade de falar tão diretamente de nosso viver, de nossos medos e angústias, da nossa busca incessante pela compreensão da existência humana através da capacidade de simbolizar, que singulariza o homem diante das espécies. Como aborda Cavalcanti “[...] dotado da capacidade de fabular, o homem teve a possibilidade de sair da condição de ser primitivo para se tornar narrador, agente da sua própria história, sonhada, fabulada e narrada [...]” (CAVALCANTI, 2002, p. 20)

A partir do enfoque trazido pela autora, podemos compreender que independente do modo como se apresenta, o narrador busca representar um todo social, tecido ao longo do tempo, com base nas ideias, crenças e valores cultuados e alicerçados na cultura coletiva e transportados para as narrativas como uma forma de construir a realidade de modo simbólico, de acordo com o contexto sociocultural do momento.

A narrativa precisa então ser entendida como arte, e o narrador um artista, que ao mesmo tempo cria e recria o enredo das histórias. Estas, embora sejam, contadas por um indivíduo em particular, agregam elementos do social, que revelam um significado comum, pois como afirma Cândido, “[...] os elementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas; e estas, agindo, permitem por sua vez que os indivíduos possam exprimir-se, encontrando repercussão no grupo.” (CÂNDIDO, 2006, p. 35)

Partindo desse pressuposto, podemos encontrar uma relação estreita entre a narrativa e o sentimento de identidade, no sentido de que, através das narrativas, o indivíduo e o grupo têm a oportunidade de sentir e pensar a sociedade na qual convivem, de fazer reflexões sobre sua vivência e pertinência a um determinado grupo na busca por uma compreensão de sua identidade. O narrador, que domina informações importantes para o grupo, é percebido como uma figura que pode conduzir o diálogo sobre quem somos no momento da história narrada, ou que características nos colocam em uma mesma situação social, fazendo de nós sujeitos com uma identidade que guarda traços comuns.

São os traços comuns à uma comunidade que fazem com que os indivíduos busquem preservar as tradições, pois são estas que os aproxima e os fazem se perceber dentro de uma realidade que os caracteriza e os coloca em contato com o outro na busca por uma identidade. Esta que hoje, em meio à modernidade está cada vez mais difícil de ser definida, pois as mudanças



ocorrem com uma velocidade muito grande do ponto de vista histórico-social, essas mudanças afetam diretamente nossos sentimentos de quem somos e a quem viemos.

Mediante esse enfoque, a discussão acerca da identidade vem ganhando destaque no meio acadêmico, visto que, atualmente, muitos estudiosos debruçam o olhar para as questões relativas a esta categoria, buscando uma compreensão de como a mesma está sendo constituída e construída em meio às mudanças pelas quais a sociedade tem passado.

Hall (2005) postula que a fragmentação da identidade se deu a partir do deslocamento do sujeito, ocorrido a partir, principalmente, de cinco rupturas no discurso do conhecimento, que possibilitou o descentramento do sujeito cartesiano, bem como de sua identidade. O primeiro descentramento se refere ao pensamento de Karl Marx, que ao focar as relações sociais e de produção como centro de sua teoria, deslocou a posição da filosofia moderna de que a essência do homem é universal.

O segundo descentramento surgiu com a teoria do inconsciente de Freud, para a qual nossa identidade, sexualidade e desejos, têm sua formação com base em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente. Esse postulado “[...] arrasa com o conceito do sujeito cognoscente e racional provido de uma identidade fixa e unificada – o ‘penso, logo existo’ de Descartes.” (HALL, 2005, p. 36, grifo do autor). O sujeito não se desenvolve a partir do núcleo do seu ser em si, cognoscente, racional. Mas, construído na relação com os outros, através das negociações psíquicas inconscientes. Acatando a perspectiva da “fase do espelho” de Lacan, um ser que se imagina a se próprio refletido, metaforicamente no espelho do olhar do outro.

Dando continuidade ao pensamento de Hall (2005), encontramos um terceiro momento de descentramento do sujeito provocado pelo trabalho do lingüista Ferdinand Saussure, que aborda a língua como um sistema social, que não pertence a ninguém individualmente. Sendo assim, o que dizemos vem carregado de significados que já estão postos na língua, e sobre o que, portanto, não temos controle. Esse pensamento traz o pressuposto de que o falante não pode atribuir um significado final, inclusive para sua identidade.

Um descentramento da identidade muito importante, considerado por Hall (2005) como o quarto momento, ocorre a partir dos trabalhos de Michel Foucault, em que o autor aborda o poder disciplinar como forma de vigiar e regular a vida social através da criação e ampliação das instituições sociais, que levam a um isolamento e individualização do sujeito. O objetivo do poder disciplinar consiste em manter as vidas, as atividades, o trabalho, as tristezas, os prazeres, a saúde física e moral sob controle, produzindo assim um “corpo dócil”, sob fácil controle.



Por último, encontramos o quinto descentramento, que veio com o feminismo, ele, entre outras coisas, “[...] politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação,” bem como, levantou questionamentos em torno do fato de que homens e mulheres teriam a mesma identidade humana, levantando assim o debate em torno da diferença sexual. Partindo dessas mudanças, Hall aponta que, “[...] o ‘sujeito’ do iluminismo, visto como tendo uma identidade fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno.” (HALL, 2005, p. 35-46). Características que estão em evidência na sociedade contemporânea.

Partindo desses pressupostos, o autor chega à concretude do descentramento do sujeito, que estaria desfragmentado, assim como a própria sociedade, o que levaria à concepção de identidades plurais, e em constante formação. Para Hall, “Estamos sempre em processo de formação cultural, a cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar.” (HALL, 2006, p. 43). Assim, também seria nossa identidade e por conseguinte a do narrador moderno em discussão, ou seja, formada a partir das experiências culturais e sociais, com a qual os definiria em termos de identidade social.

Desse modo, o fato de projetarmos a nós próprios nas identidades culturais, enquanto internalizamos seus significados e valores, tornando-as parte de nós, contribui para vincular nossos sentimentos subjetivos aos lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural, este que, guiado pelo processo de globalização atual, vive um momento de intensa transformação. Nessa perspectiva, Hall aborda que:

As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera. Por todo o globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados-nação dominantes, das antigas potências imperiais, e, de fato, do próprio globo. (HALL, 2005, p. 43)

Com tudo isso, ocorre o que o autor denomina de deslocamento das estruturas e processos centrais da sociedade, e com esse abalo o sujeito acaba perdendo de vista os antigos quadros de referência que lhes permitiam uma estabilidade no mundo social, sendo que a falta desta estabilidade, causada pelo alto grau de migração entre as sociedades, vem causar o que o autor denomina de fragmentação da identidade. O narrador na modernidade acaba se configurando como



produto de uma sociedade fragmentada, caracterizando-se como um contador de histórias impressas.

O pensamento de Hall encontra concordância com o de Bauman (2005), que também discute a temática da identidade na sociedade pós-moderna, denominada por ele de “modernidade líquida”, na qual a identidade passa a ter um estado provisório. No entanto, o autor mostra que essa é uma questão recente, e reforça “[...] a fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas. O segredo foi revelado. Mas esse é um fato novo, muito recente.” (BAUMAN, 2005, p. 22)

Ainda para o autor, “*A idéia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é” e erguer a realidade no nível dos padrões estabelecidos pela ideia - recriar a realidade à semelhança da ideia.*” (BAUMAN, 2005, p. 26, grifos do autor). Esse postulado reforça que a identidade, e mais precisamente a identidade nacional, não nasce naturalmente da experiência humana, mas chegou de certa forma, forçada na vida do homem na era da modernidade.

A identidade, para o autor, é também ambígua, pode servir de símbolo na luta de grupos menores contra as pressões sociais, como também pode servir a um grupo maior, que deseja impor sua soberania e deixar de lado as diferenças. Esses aspectos tornam a luta em torno da identidade uma luta de guerra. Sendo assim, como mostra Bauman,

A identidade – sejamos claros sobre isso – é um “conceito altamente contestado”. Sempre que se ouvir essa palavra, pode-se estar certo de que está havendo uma batalha. O campo de batalha é o lar natural da identidade. Ela só vem à luz no tumulto da batalha, e dorme e silencia no momento em que desaparecem os ruídos da refrega. Assim, não se pode evitar que ela corte dos dois lados. Talvez possa ser conscientemente *descartada* (e comumente o é, por filósofos em busca de elegância lógica), mas não pode ser *eliminada*, muito menos *afastada* da experiência humana. A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resoluto a ser devorado... (BAUMAN, 2005, p. 84, grifos do autor)

Partindo do pressuposto apresentado, de identidade enquanto terreno de luta contra a fragmentação, chegamos ao pensamento de Woodward (2009), que comunga com a abordagem de Bauman, enfocando ainda que essa luta provem das mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas do mundo contemporâneo. Estas, ao se concretizarem, colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas na sociedade pós-moderna. A autora acrescenta que “[...] as identidades em



conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudança para as quais elas contribuem. Luta e contestação estão concentradas na construção cultural de identidades.” (WOODWARD, 2009, p. 25)

A autora aborda ainda um aspecto relevante nos estudos voltados para a questão da identidade, que é a diferença, aspecto esse, que está no cerne dos questionamentos acerca da identidade hoje, uma vez que esta só é possível de ser questionada a partir do outro, e sendo assim,

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de exclusão *social*. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. (WOODWARD, 2009, p. 39, grifos da autora)

Nessa perspectiva, a autora mostra que nas relações sociais existem duas formas de diferença, que são estabelecidas, ao menos em parte, através de um sistema classificatório, capaz de dividir uma sociedade em dois grupos opostos, que são: nós/eles e eu/outro. Essas formas de diferença são a simbólica e a social, que são estabelecidas a partir da cultura, sendo que o modo como a cultura distingue as diferenças é de fundamental importância para que possamos compreender as identidades, uma vez que “[...] a diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções frequentemente na forma de oposições. [...]” (WOODWARD, 2009, p. 41)

Concordando com Woodward no tocante à questão da identidade marcada pela diferença, Hall (2009) acrescenta que “[...] as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela”. A marcação aparece então como um componente chave em qualquer sistema classificatório, e esta classificação se dá na relação estabelecida entre nós e os outros, entendendo como os outros aqueles que se distanciam de nós e se configuram como o exterior. Sendo assim, as identidades são construídas a partir da “narrativação do eu”, constituído em parte no simbólico, tendo como ponto de partida a sensação de pertencimento. O autor reforça esse argumento, ao enfatizar que:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como sendo produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o poder da marcação da diferença e da exclusão, do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna. (HALL, 2009, p. 109, grifos do autor)



Nesse sentido, as identidades como poder de marcação da diferença e da exclusão são formadas e transformadas continuamente através das representações simbólicas do sistema cultural no qual estamos inseridos, e podem ser vistas como uma construção discursiva situada em um dado momento histórico. Isso nos permite dizer que elas só adquirem sentido a partir do momento em que são pensadas dentro dos discursos sociais em que são produzidas.

Por isso, para se pensar na identidade do narrador moderno, é preciso pensar nas transformações pelas quais a sociedade passou e no modo como estas afetaram a identidade deste narrador. Além disso, é preciso levar em conta também que a forma de expressão literária também sofreu alterações. Sendo assim, o narrador sai do terreno da experiência e passa a transitar pelos distintos meios que a sociedade contemporânea possibilita.

Para Silviano Santiago o narrador pós-moderno “[...] é o que transmite uma sabedoria que é decorrência da observação de uma vivência alheia a ele, visto que a ação que narra não foi tecida na substância viva da sua existência” (SANTIAGO, 2002, p. 46). O narrado é impresso, não foi tecido na trama de sua existência, é fio de outra trama, que reflete um tempo de transformação cultural e social que marca a morte do narrador tradicional e redefine a identidade do narrador pós-moderno como fruto do processo de industrialização e globalização que levou a fragmentação do narrador e do narrado.

CONCLUSÕES

A história nos revela que a capacidade de narrar é uma característica do ser humano, o desejo de narrar está intimamente ligado a cultura oral em que os mitos e lendas de um povo eram transmitidos de geração em geração, os narradores tradicionais eram responsáveis pela perpetuação do saber culturalmente construído e suas características eram o dom da palavra e a memória.

Com o advento do processo de industrialização, a invenção da imprensa e os avanços tecnológicos o narrador morre em sua forma original, tomando corpo um novo formato de narrador e de narrativa. O narrador moderno é marcado por uma sociedade em constante processo de evolução, uma realidade volátil em que o texto impresso se define como a principal matéria das narrativas.

REFERÊNCIAS



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005

BENJAMIM, Walter. O narrador. In.: **Magia e técnica, arte e política** – obras escolhidas. v/1. 5ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8. ed. São Paulo: T. A . Queiroz, 2006.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil**: dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2002.

ELIADE, Micea. Mitologia da memória e do esquecimento. In.: **Mito e realidade**. 6 ed. 1ª reimp. São Paulo: Perspectiva, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A ed., 2005.

SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno. In.: **Nas malhas da letra/ensaio**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In.: SILVA, Tomaz Tadeu. T. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.